

O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó

Denise Pahl Schaan¹; Wagner Fernando da Veiga e Silva²

Resumo

Esse artigo examina a ocupação de uma área periférica aos grupos de tesos que compõem o padrão de assentamento típico da fase Marajoara. Os sítios identificados ao longo do rio Anajás mostraram uma maior variabilidade com relação aos assentamentos da área nuclear do cacicado, o que permitiu melhor entender as relações regionais, além de ser importante no estabelecimento da cronologia da ocupação. A metodologia utilizada privilegiou o estudo de feições culturais e a inserção dos sítios na paisagem, demonstrando que é possível investigar sociedades pretéritas sem reduzi-las aos seus artefatos. Os resultados obtidos com a pesquisa somente foram possíveis graças à utilização de uma abordagem regional, enfocando, ao mesmo tempo, as especificidades da ocupação no espaço intra-sítio.

Palavras-chave: Padrões de assentamento, Sociedades complexas, Fase Marajoara.

¹ Ph.D. Antropologia Social, Universidade de Pittsburgh. Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará. E-mail: denise@marajoara.com.

² Graduado em Geografia, UFPA. Museu Paraense Emílio Goeldi Coordenação de Ciências Humanas, Av. Perimetral, 1901, CEP 66077-530, Belém/PA. Fone (91) 3217-6041. E-mail: veiga67@bol.com.br.

Abstract

This paper focuses on the occupation of sites located at the periphery of the mound groups that comprise the typical Marajoara phase settlement pattern. Sites found along the Anajás River showed greater variability comparing to settlements located at the chiefdom's core, allowing for a better understanding of regional connections, besides being important in defining regional chronology. The chosen methodology focused both on the study of cultural features and the relationship between settlements and their surrounding landscape, demonstrating that it is possible to investigate pre-colonial societies without reducing them to their artifacts. The research accomplishments were only possible due to the use of a regional approach, studying, at the same time, in-site spatial organization.

Keywords: Settlement patterns, Complex societies, Marajoara phase.

Introdução

De 1998 a 2002, o Projeto Anajás, englobando um projeto de salvamento e duas pesquisas acadêmicas³ coordenadas pela primeira autora, tornou possível o estudo de duas áreas pontuais no centro da ilha de Marajó: o sítio PA-JO-15: Camutins, um grupo de 34 tesos⁴ da fase marajoara localizados no alto rio Anajás, e outros sete sítios localizados a 75 km de distância, no médio curso do rio (Fig. 01). Estes outros sete sítios localizam-se em um segmento de aproximadamente 5 km do rio Anajás, portanto bastante próximos uns dos outros, mas representando diversas épocas e

fases de ocupação. Dentre eles, os sítios PA-JO-51: Sapará e PA-JO-52: Casinha foram identificados como ocupações da fase Marajoara, até então os primeiros sítios dessa fase identificados em área de floresta e sobre elevações naturais, sem a construção artificial característica dos sítios Marajoaras. Outros três sítios: PA-JO-49: Cacoal, PA-JO-54: Leal e PA-JO-53: Vista Alegre foram datados e identificados inicialmente como sítios tardios da cultura Marajoara (1200-1600 d.C.), sendo posteriormente relacionados à fase Cacoal (Schaan, 2004). Os sítios PA-JO-54: São Benedito (fases Mangueiras e Marajoara) e PA-JO-57: Açazal (fase Ananatuba) eram sítios-acampamento, e o sítio PA-JO-50: Rio Branco foi identificado como um sítio habitação da fase Ananatuba. O estudo de todos esses sítios permitiu reconstituir a história da ocupação no local de 300 a 1600 d.C. proporcionando uma cronologia cultural a partir da qual foi situado o processo de emergência, desenvolvimento e declínio de sociedades complexas na área.

Os sítios Sapará e Casinha comprovam a expansão da cultura Marajoara ao longo do rio Anajás entre os anos 700 e 1100 d.C., período este que foi considerado como "clássico" dentro da fase Marajoara (Schaan op. cit.). Esse período se caracteriza pela expansão máxima da cultura Marajoara na ilha, com a ocupação das cabeceiras de rios, lagos e áreas sazonalmente alagadas, onde eram reproduzidos sistemas de controle hidráulico para otimizar a captura de recursos aquáticos. Esse sistema consistia na construção de barragens, escavação de reservatórios para água e construção de plataformas de terra para moradia e realização de cerimônias, rituais e festas. Ao

³ "Programa de Salvamento Arqueológico nas Áreas de Retificação dos rios Anajás e Atuí, Ilha de Marajó" (financiado pela AHIMOR/PA); "Lost Civilizations of the Amazon" (financiado pelo Earthwatch Institute, EUA) e "Landscape Transformation and Sociopolitical Organization on Marajoara Phase" (financiado pela National Science Foundation, EUA).

⁴ Teso é a denominação local para colina ("mound", em inglês) que, nos campos do Marajó, coincide com áreas não inundáveis.

longo dos rios, nas áreas de mata, os assentamentos também se multiplicam, mesmo longe dos aterros cerimoniais, reproduzindo aí também as diferenças sociais e a vida cerimonial. Neste contexto, a distância geográfica dos grandes centros trouxe como conseqüência uma maior variabilidade na cultura material, inversamente proporcional à influência política e religiosa que os centros poderiam exercer sobre a periferia.

Nesse artigo, examinamos a dispersão da cultura Marajoara na bacia do rio Anajás a partir de uma perspectiva regional, considerando as transformações sociopolíticas que caracterizaram a fase Marajoara. A interpretação da variabilidade artefactual observada no registro arqueológico só foi possível graças à abordagem regional e uma metodologia de coleta e análise de dados que privilegiou uma interpretação contextual.

Abordagem regional

Arqueologia da paisagem é uma abordagem regional através da qual uma região é investigada de uma maneira integrada, estudando sítios e artefatos não em isolamento, mas como aspectos de sociedades vivas que uma vez ocuparam a paisagem (Clark, Garrod e Pearson, 1998).

Desde o trabalho pioneiro de Gordon Willey (1953, 1956), arqueólogos reconhecem que padrões de assentamento constituem evidência material especialmente importante para entender organização sociopolítica, assim como as relações entre sociedades humanas e a paisagem (Trigger, 1967; Rouse, 1972; Tringham, 1972). Estudos de nível regional são particularmente necessários para o estudo de sociedades complexas, devido à sua organização sociopolítica regional.

Sabe-se também que transformações antropogênicas da paisagem são características recorrentes em sociedades complexas. Por isso, para estudar feições da paisagem que possam informar sobre estratégias políticas ou econômi-

cas, o arqueólogo precisa redimensionar o alcance de sua análise, indo além daquilo que é geralmente considerado um sítio arqueológico, para englobar uma grande região geográfica. Por isso, a arqueologia de paisagem nos proporciona a perspectiva necessária para examinar a maneira pela qual as populações humanas modificaram seu entorno, criando um verdadeiro ambiente cultural (Crumley e Marquardt, 1990). Esta abordagem teórica pode ser definida como um foco nas relações entre artefatos e feições culturais e sua distribuição espacial e temporal na paisagem, ao invés de assumir os limites do sítio como unidade de análise (Dunnell, 1992).

No caso dos estudos de padrões de assentamento, busca-se identificar as diversas categorias de sítios, geralmente criando-se uma tipologia de sítios em termos de sua funcionalidade dentro da comunidade ou região. O estudo de padrões de assentamento permite relacionar as variáveis ambientais com os padrões culturais e econômicos de ocupação do espaço fisiográfico. O tamanho dos assentamentos, as distâncias entre as diferentes vilas ou comunidades, a existência de um núcleo populacional significativamente maior, a existência de transformações na paisagem, tais como construções e obras de engenharia, são considerados indicativos de relações sociopolíticas entre as diversas partes constitutivas do assentamento.

Entende-se que esta perspectiva é especialmente adequada para o estudo de sociedades regionais como cacicados, que são sociedades que se definem por sua estrutura sociopolítica como sendo um conjunto de vilas ou comunidades subordinadas a um poder central (Carneiro, 1981). A perspectiva regional, no entanto, não impede que sejam estudados sítios isolados; pelo contrário, o estudo mais detalhado de um sítio é necessário para que se conheçam as funções e o papel de vilas ou comunidades dentro do sistema regional.

A Ditadura da Água

Marajó é uma ilha com 49.606km², fazendo parte de um arquipélago de mesmo nome, localizado no delta do rio Amazonas, que banha a ilha em sua porção noroeste. O clima se caracteriza por duas estações bem marcadas – um período de chuvas abundantes e um período de seca prolongada. A estação chuvosa vai de janeiro a junho, com índices de precipitação pluviométrica da ordem de 2800 a 3600mm. Cerca de 70% da área de campo ou savana permanece sob a água por um período de 4 a 5 meses (OEA, 1974). A estação seca se estende de agosto a dezembro, quando as savanas tornam-se dissecadas e a maior parte dos pequenos cursos de água secam completamente, pois os rios da ilha não têm fontes permanentes.

A economia atual se baseia na criação de gado bovino e bubalino, assim como no extrativismo da madeira, açaí e palmito. A produtividade agrícola é limitada pelos solos impermeáveis, pobres em nutrientes, e um sistema de drenagem problemático (Sombroek, 1966; Sioli, 1984; OEA, 1974).

A pesca é a segunda atividade mais importante depois da criação de gado, especialmente nas savanas e ao longo da costa leste, onde plantas aquáticas e mangues proporcionam fonte de alimento importante para populações de peixes durante a época da piracema (Smith, 2002). Há registros, desde a época colonial, da abundância de peixe na região: documentos dos séculos XVII e XVIII relatam que toneladas de peixes e tartarugas eram levadas de Marajó para Belém e outras localidades no baixo Amazonas (Furtado et al., 2002). A tecnologia da pesca seguia o modelo indígena: principalmente o envenenamento da água em lagos e igarapés represados e a construção e manejo de currais.

Ainda hoje, a sobrevivência nos campos durante os meses de seca só é possível através do manejo hidráulico para

reter água e peixes, que consiste na escavação de reservatórios e represamento de igarapés, que são os pequenos tributários dos rios principais.

O rio Anajás, como os outros rios da ilha, é um rio de maré, que enche duas vezes por dia por influência das águas do rio Amazonas. Durante o verão, suas cabeceiras e as de seus igarapés secam, dificultando a vida nestes locais pela insuficiência de água potável (a água torna-se salobra pela influência do oceano Atlântico) e impossibilidade de navegação. O subir e baixar das águas se constitui em uma força tão poderosa a limitar e condicionar a vida humana que muitos escritores se referem ao Marajó como o local onde impera a ditadura das águas (Gallo, 1981).

O Povo das Águas

Apesar de ter sido pesquisado desde o final do século XIX (Hartt, 1871; Derby, 1879), e de ter sofrido diversas intervenções por amadores desde então, o sítio PA-JO-15: Camutins, localizado às margens do igarapé dos Camutins, um tributário da margem direita do alto rio Anajás, foi somente investigado com mais profundidade entre o final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 (Hilbert, 1952; Meggers e Evans, 1957). Nas décadas seguintes, cinco dos seis tesos cerimoniais deste grupo de 34 tesos foram saqueados à exaustão pelos proprietários da Fazenda São Marcos e da Fazenda Maravilha, ao ponto de os sítios cerimoniais do alto curso do rio praticamente desaparecerem, restando apenas amontoados de cacos lavados anualmente pelas cheias do rio. Boa parte dos artefatos coletados foi vendida para o exterior; uma grande coleção da Fazenda São Marcos foi vendida ao governo do Estado do Pará em 1976, e duas coleções foram vendidas ao Instituto Cultural Banco Santos há poucos anos.

Quando realizamos a pesquisa no sítio foi possível mapear todos os tesos e

realizar coletas de superfície. Apesar da grande destruição sofrida pelo teso nº 1 (M-1), também chamado Camutins, ainda restava uma estreita área preservada no barranco que se erguia a cerca de oito metros de altura no limite com o igarapé dos Camutins. Nesta área foi possível realizar algumas escavações. Na margem oposta do rio, o teso nº 17 (M-17), chamado Belém, pertencente à Fazenda Santa Águeda, apresentava bom estado de preservação e pôde também ser escavado, selecionando-se as áreas para investigação através de uma amostragem estratificada. Os resultados deste trabalho fazem parte da tese de doutorado da primeira autora (Schaan, 2004) e são aqui rapidamente sumarizados.

Prospecções realizadas ao longo do igarapé dos Camutins, tanto durante a estação chuvosa como a seca, tornaram possível observar transformações na paisagem, entre elas escavações de reservatórios (lagos), que não aparecem durante as cheias. O maior destes lagos, representando a remoção de 27.000m³ de sedimentos foi localizado próximo a M-1 e M-17. Esses reservatórios, ou lagos, foram construídos por populações do passado com o intuito de reter peixes e garantir suprimento de água durante os meses sem chuvas. O entendimento deste sistema de manejo hidráulico baseou-se também na observação da ecologia local e das práticas atuais de subsistência na área. Populações atuais constroem barragens e currais para reter o peixe que se reproduz nos campos inundados durante a estação chuvosa e se dirige de volta aos rios principais quando as águas baixam. O sistema pré-colonial, no entanto, era mais efetivo, por incluir lagos que funcionavam como viveiros de peixes, que poderiam reter grandes quantidades de recursos aquáticos. O sedimento escava-

do destes lagos era usado para a construção de barragens, plataformas de terra (tesos) e caminhos para uni-los.

Os 34 tesos que compõem o sítio Camutins foram encontrados arranjados em um padrão linear ao longo do rio, reunidos em três grupos distintos (Fig. 02). Os maiores tesos (M-1, M-17 e M-16, com respectivamente 11, 7 e 5 metros de altura), contendo cerâmica cerimonial e estruturas funerárias, estavam associados aos dois grandes lagos. Cerca de três quilômetros rio acima, 15 tesos-habituação de vários tamanhos foram identificados, provavelmente usados por populações que construíram as obras de terra e dedicavam-se a atividades de subsistência relacionadas à pesca, coleta e cultivo de pequena escala. Um último grupo de tesos, composto por três tesos cerimoniais e 12 tesos-habituação foi localizado ao longo do curso superior do rio. Os tesos cerimoniais deste grupo eram os últimos do conjunto, o que pode ter sido uma estratégia geopolítica. Estes tesos da elite possuíam uma cultura material semelhante a dos tesos do baixo curso do rio, mas não apresentavam as mesmas estruturas que indicavam construção artificial (cf. Hilbert, 1952).

As diferenças de altura, área e cultura material sugerem uma relação hierárquica entre os 34 tesos. As proporções de fragmentos decorados calculadas para cada teso indicam uma distinção hierárquica entre tesos cerimoniais e de habitação⁵; os primeiros eram locais para festas, rituais e residência da elite, enquanto que os últimos eram usados pela maioria da população. Já as diferenças de tamanho entre os tesos da elite foram inicialmente consideradas como representando "hierarquias administrativas" (Flannery, 1972; Jonhson, 1972). Por exemplo, pensou-se na existência de um centro maior e de centros secundários dominados pela elite. A evi-

⁵ Meggers e Evans (1957) propuseram que a distinção maior seria entre tesos cemitério e habitação. Roosevelt (1991) demonstrou que os chamados tesos cemitério também possuíam estruturas habitacionais; portanto, a denominação "cemitério" não era correta.

dência arqueológica, no entanto, indicou que os mesmos tipos de atividades eram realizadas em todos os tesos da elite. Os tesos menores da elite, portanto, foram interpretados como representando crescimento populacional dentro da elite, que seria internamente indiferenciada. Ou seja, à medida em que a população da elite crescia, fundavam-se novas habitações, algumas bastante distantes das primeiras, onde reproduziam-se as mesmas estruturas sociais. Caso todos os tesos tivessem sido habitados ao mesmo tempo, e com base na área disponível para a construção de habitações (casas comunais) no topo dos tesos, a população total do cacicado dos Camutins poderia ter chegado a somar duas mil pessoas.

O estudo da estratigrafia dos tesos indicou que a adição de sedimentos ocorreu em vários episódios de duração variável. Camadas mais espessas de areia arqueologicamente estéril foram relacionadas com o processo de escavação dos viveiros de peixes. Finas camadas de areia, carvão, argila queimada e solos de coloração marrom escura foram interpretados como superfícies de ocupação. As camadas de areia retiradas para escavação dos lagos faziam parte de atividades de manutenção dos lagos ou reservatórios, que tinham que ser limpos de sedimentos depositados pelo rio durante as cheias. De acordo com as datas obtidas para a construção dos tesos, o sistema de controle hidráulico estaria já funcionando em 700 d.C. A data para o abandono de M-1 (Camutins) é estimada em torno de 1200 d.C., enquanto que M-17 (Belém) pode ter sido abandonado em 1000 d.C.

Escavações em M-17 permitiram o estudo de atividades domésticas, produção cerâmica e práticas funerárias. A presença de cinco fogões de argila queimada permitiu identificar a localização de casas, na ausência de marcas de esteios. A plataforma superior de M-17 possuía 20 metros de largura por 80 me-

tros de comprimento, sugerindo a existência de no máximo duas casas comunais, alinhadas paralelamente ao rio. Uma das casas era um templo mortuário, contendo fogões, pisos preparados e 24 enterramentos. Atividades domésticas, cerimônias e festas aconteciam nos dois tesos (M-1 e M-17).

As 24 urnas funerárias escavadas de M-17 estavam distribuídas em pelo menos três níveis diferentes. A maior parte das urnas era policrômica ou bicrômica, na forma de grandes vasos globulares, com 80 cm de altura em média, decorados com motivos pintados em vermelho na forma de grafismos e faces humanas estilizadas. Alguns vasos menores também foram encontrados nos níveis superiores. Apenas poucas urnas não tinham decoração. Nas urnas em que ossos foram identificados, havia apenas um indivíduo em cada uma, e os estados de preservação variaram muito. Análises preliminares indicaram que os enterramentos mais antigos eram primários, enquanto que os mais recentes seriam enterramentos secundários e cremações. O mobiliário funerário incluía apenas alguns poucos itens, entre eles potes ou pratos de cerâmica e tangas, além de machados e contas líticas (estas em apenas um dos enterramentos). Diferenças entre os sepultamentos em termos de objetos associados e decoração parecem indicar diferenças com relação a gênero, idade e status social. A existência de itens de troca com sociedades distantes, tais como os ornamentos e machados líticos, indica a participação em redes de troca de bens de prestígio. Um dos enterramentos primários, associado com um machado de basalto e um colar de contas líticas, era de uma criança de cerca de 10 anos de idade, identificada por causa da dentição. Esta evidência sugere a existência de uma sociedade em que o status social era determinado por meio da genealogia (Sahlins, 1958; Earle, 1997).

A história do cemitério informa sobre mudanças em práticas funerárias

através do tempo, mas não indica “declínio” em complexidade como sugerido por pesquisas prévias (como as de Farabee, 1921; Palmatary, 1950; Meggers e Evans, 1957). Urnas funerárias nos níveis superiores mostram uma decoração bastante elaborada, e os objetos associados são semelhantes aos de outros níveis. Entretanto, os poucos objetos líticos encontrados estavam associados com os enterramentos mais antigos. O último enterramento do grupo (o mais recente) foi datado em 1000 d.C., indicando que M-17 pode ter sido abandonado logo em seguida daquela data, enquanto M-1 era ainda habitado.

A pesquisa mostrou que os tesos que formavam o centro cerimonial estavam localizados junto aos maiores lagos, evidenciando o controle da elite sobre o manejo de recursos. As práticas funerárias, assim como a falta de evidências para hierarquia entre M-1 e M-17 suporta a conclusão de que o poder estava nas mãos de um grupo social ou linhagem, e não de um indivíduo. Evidência para culto dos antepassados junto aos reservatórios para peixes indica que o acesso aos recursos era regulado por um poder sobrenatural. Neste sentido, a proximidade física aos antepassados era uma metáfora para a distância cosmológica (McAnany, 1995), uma estratégia ideológica usada para legitimar o poder.

Longe do Povo das Águas: O Sítio Casinha

O sítio PA-JO-52: Casinha estende-se por uma faixa de cerca de 400 por 50 metros ao longo das margens do rio Anajás, junto à confluência com o igarapé Saparará (Fig. 03). O sítio localiza-se sobre uma elevação natural do terreno com até 4,2 metros de altura acima do nível das águas. Em 1998, quando o sítio foi encontrado, o terreno encontrava-se coberto por vegetação de capoeira, bananeiras e roças abandonadas, e havia vestígios da derrubada de árvores para co-

mercialização de madeira. Estimou-se o grau de integridade do sítio como sendo superior a 80%, sendo os principais fatores de destruição as roças, o extrativismo vegetal e a erosão pluvial.

O sítio foi mapeado e investigado em profundidade utilizando-se trado manual, totalizando 38 pontos de tradagem. As informações coletadas quanto ao tipo de solo e presença de cerâmica permitiram construir um mapa de dispersão da área de ocupação. Observou-se a ocorrência de um horizonte A antrópico, com espessura variando de 30 a 45 cm, alcançando até 85cm no ponto 100W259N. A coloração do solo nesse horizonte variava do preto ao marrom, com textura areno-argilosa. A camada B, estéril arqueologicamente, latossólica amarelada e de textura argilosa, foi alcançada entre 30 e 70cm de profundidade. Em alguns pontos identificou-se a ocorrência de terra preta arqueológica, que coincide com o local aproveitado para a feitura de roças.

As escavações realizadas no sítio Casinha foram pensadas em função da necessidade de serem respondidas as seguintes perguntas: 1) Qual a relação do assentamento com os grupos de tesos do alto curso do rio? 2) Seria este também um sítio resultado de construção intencional, como os sítios típicos da fase marajoara? 3) No que diferia e no que se assemelhava aos sítios típicos da fase? Estas perguntas estavam relacionadas ao problema de pesquisa principal do projeto Anajás, que tinha por objetivo entender a organização sociopolítica dentro da fase marajoara. A pesquisa no sítio Casinha, nesse sentido, teve o objetivo inicial de investigar áreas de atividade e sua relação com artefatos no espaço intra-sítio, com o intuito de comparar com outros sítios previamente estudados e outros que viriam a ser estudados posteriormente.

A escavação aconteceu em duas etapas. A primeira etapa, em 1999, ocorreu com recursos do projeto de salva-

mento. No entanto, como o sítio encontrava-se na área de impacto indireto, foi pouco estudado. Mesmo assim foi investigada uma área onde a tradagem indicou a provável existência de uma urna enterrada e escavado um perfil em um barranco junto ao rio, onde também foram encontradas urnas funerárias. No ano seguinte, com financiamento do Earthwatch Institute voltamos ao sítio, onde realizamos escavações durante um mês, aprofundando o estudo da área de sepultamentos e investigando também outras áreas. Com o intuito de identificar feições culturais significativas, foi realizada prospecção geofísica em uma pequena área (32x56m), localizada entre o primeiro enterramento e o barranco do rio, escavados na primeira etapa. Essa prospecção foi dirigida pelo geofísico João Augusto Barradas, que utilizou um magnetômetro de precessão de prótons sobre uma malha 2x2m, identificando várias anomalias. Todas as anomalias investigadas através de escavações revelaram feições significativas, tais como vasilhas de cerâmica enterradas, concentrações de fragmentos cerâmicos, buracos cheios de húmus e outros tipos de perturbações de camadas originais em subsolo; juntamente com as escavações fora da área da prospecção geofísica, foram identificadas 17 feições culturais (Fig.03).

O quadro 1 apresenta de forma resumida os resultados obtidos com as escavações. Foi realizada coleta de solo em todas as unidades escavadas (cerca de 2kg de solo por camada estratigráfica), mas as amostras ainda não foram analisadas. As escavações foram descritas detalhadamente em dois relatórios de pesquisa (Schaan, 2001; 2003).

A escavação 1 revelou um enterramento que permitiu, pela primeira vez dentro do projeto Anajás entender o padrão de enterramento de urnas funerárias, o que se observou repetidamente depois na maior parte das urnas escavadas no teso Belém (M-17, sítio Camu-

tins). A urna havia sido enterrada somente até a altura do pescoço/borda, e era coberta por uma tigela carenada invertida, sem decoração; ao lado dela foi colocada, sobre o antigo piso, uma tigela rasa e pequena, de decoração excisa sobre engobo vermelho, muito bem trabalhada (Fig.06a). A tampa estava quebrada, assim como parte da borda da urna, o que ocorreu por causa de sua exposição. A urna teria sido colocada dentro de uma moradia, ou templo, permitindo, assim, constante contato com a pessoa falecida. Dentro dela havia ossos (atualmente sendo estudados), em meio a sedimento muito endurecido, aparentando ser de apenas um indivíduo.

Padrão de sepultamento semelhante foi observado com relação à urna da escavação 2 (Feição 5), um vaso globular vermelho com decoração excisa no corpo superior, que estava associado a um pequeno vaso cilíndrico (Fig.06b), colocado na altura do corpo superior da urna. Os fragmentos da tampa foram encontrados dentro da urna, em meio aos ossos e sedimento. Foi coletada uma amostra de carvão de dentro da urna, datada em 890 ± 100 A.P. (calibrada para 980 – 1290 d.C.). Essa seria a data imediatamente anterior ao abandono do sítio, uma vez que a boca da urna estava ao nível da superfície. Essa urna foi encontrada próxima aos demais sepultamentos escavados no barranco junto ao Igarapé Saparará, onde dois perfis estratigráficos foram feitos, aproveitando a erosão do barranco. Foram encontradas vasilhas enterradas, em 3 níveis (feições 1, 2 e 6). Dentro das urnas F5 e F6 foram também encontrados fragmentos de lâminas de machado.

No perfil, um buraco de poste, com 20cm de diâmetro estendia-se por 1,5 metros de profundidade. Uma vez que os enterramentos devem ter sido feitos no interior de uma moradia, esse pode ser interpretado como um poste central da estrutura da casa. Áreas adjacentes

foram investigadas à procura de mais postes, que poderiam formar com esta a estrutura de uma parede ou paliçada, sem sucesso. É provável que o terraço fosse mais extenso no passado e o barranco seja recente, refletindo um processo de constante erosão que é comum na área.

A escavação 9, onde o magnetômetro acusou uma forte anomalia, revelou algumas feições interrelacionadas em 3m de área: uma grande concentração de carvão, uma grande e espessa concentração de fragmentos de cerâmica, algumas bases arredondadas de vasos superpostas que pareciam um fogão, dois vasos enterrados e muitos remanescentes de adobe (argila endurecida com marcas de madeira) (Fig.04). Interpretamos esta como uma área doméstica. A ocupação no nível 30cm estava claramente relacionada a um enterramento (F10): uma vasilha de bojo arredondado cujas bordas quebradas tinham permanecido à antiga superfície, o mesmo padrão que observado para outros enterramentos no sítio (F4, F5 e F15). A pouca distância desta havia uma pequena vasilha globular (cerca de 12cm de diâmetro de bojo) semelhante às que foram encontradas associadas a enterramentos no tesó Belém, sítio Camutins.

A grande quantidade de restos de adobe encontrado e o fato de a camada relacionada ao enterramento ser mais compacta que as outras demonstra que neste lugar havia uma casa, que pode ter sido posteriormente queimada ou abandonada. Depois disso, a área foi usada para a colocação de lixo secundário, na forma de cerâmica quebrada que pode, inclusive, ter sido usada como suporte para queima de vasos. A presença de um trempe, etnograficamente conhecido como suporte para panelas (Roth, 1929) sugere a existência de técnicas de cozimento diferente dos fogões encontrados por Roosevelt (1991) em Tesó dos Bichos. Entre os oito maiores processos que Schiffer (1987) cita como res-

ponsável na formação de "house floor assemblages", quatro deles foram identificados na escavação 9: 1) depósito ritual; 2) remanescentes depositados pelo colapso de uma estrutura (adobe); 3) refugio "de fato" depositado quando a estrutura foi abandonada (pequena vasilha globular); 4) refugio secundário (cerâmica quebrada).

Um outro conjunto de enterramentos foi observado na escavação 12. Uma vasilha semiglobular (F15) foi completamente escavada e, já no final do último dia de escavações, quando a vasilha foi retirada encontramos uma urna decorada com incisões sobre engobo branco (F17), que não pôde ser escavada por falta de tempo. Esta urna branca era do estilo comum aos sítios encontrados a leste do lago Arari, especialmente o Pacoval. Durante a escavação foi encontrado um pingente de cerâmica na forma de um batráquio estilizado, semelhante aos conhecidos muiraquitãs de pedra verde (Fig.06c). Uma amostra de carvão retirada de dentro da urna F15 foi datada em 1280 ± 50 A.P. (calibrada em 660 a 880 d.C.), o que se acredita ser a data de início da ocupação do sítio.

Na escavação 6 foi encontrado um buraco preenchido com solo húmico e fragmentos de cerâmica. Este buraco estava localizado entre a escavação 9 e o barranco e pode ter pertencido a uma casa. Outro buraco foi localizado na escavação 7. Concluiu-se que as anomalias magnéticas indicaram tanto concentrações de cerâmica e enterramentos em urnas como buracos preenchidos com húmus. Padrão semelhante foi encontrado por Alves e Lourenço (1981:8) em Tesó dos Bichos: "No decorrer das prospecções magnéticas, constatou-se que muitas anomalias que se acreditava terem sido produzidas por fornos, na realidade, eram devidas a cavidades preenchidas com material rico em húmus.

Percebeu-se que os enterramentos tendem a agregar-se em alguns pontos, mas que não existia um cemitério

formal, logo é bastante provável que os enterramentos estivessem associados a casas. Os restos de adobe encontrados em muitas escavações sugerem que as casas eram constituídas desse material.

Os dados mostram que o estrato arqueologicamente fértil coincide com o solo de terra preta, concentrado em uma faixa que segue a margem do rio e do igarapé. Uma vez que este tipo de solo resulta da acumulação de resíduos de origem biológica provenientes da atividade humana (Eidt, 1985; Kern, 1996), esta faixa pode estar relacionada a uma zona de descarte junto às casas. Muitas atividades domésticas relacionadas ao processamento de alimentos e mesmo artesanato utilizando matéria orgânica ocorrem perto de casas, principalmente em pequenos assentamentos (DeBoer e Lathrap, 1979); logo é possível que o lixo fosse descartado nas proximidades, originando o solo de terra preta.

O formato alongado do sítio, seguindo as margens do rio Anajás e do igarapé Saparará, e a profundidade de terra preta, assim como grandes quantidades de resíduos de artefatos nessa área sugerem que as casas estavam dispostas ao longo do rio, em vez de organizadas em torno de uma praça. Ainda que não haja evidência direta para a orientação e extensão das casas, os resíduos de adobe, o buraco de poste e os enterramentos podem ser considerados como indicadores de sua localização.

A ausência de pisos preparados no registro arqueológico do sítio Casinha concorre para que seja difícil a identificação de espaços internos e externos a casas. Logo, o espaço doméstico deve ser inferido a partir de outras feições. Neste sentido, os padrões de enterramento dos mortos são importantes, porque estes indicam preocupações práticas e atividades relacionadas ao uso do espaço doméstico (Hayden e Canon, 1982).

Se áreas de terra preta representam uma maior atividade de descarte, áreas com menos fragmentos e solo mais claro podem ser interpretadas como áreas de atividade dentro do espaço doméstico ou comunal, uma vez que áreas de atividade não se relacionam à acumulação de lixo, pois estão sendo constantemente varridas (Schiffer, 1975). À medida que potes quebram, seus fragmentos são jogados fora ou, ao ficar no chão, são varridos para áreas periféricas onde não há circulação de pessoas. DeBoer e Lathrap (1979:128) demonstraram para um assentamento Shipibo que os cacos tendem então a concentrar-se em algumas áreas, um padrão que encontramos em muitos locais no sítio (escavações 5, 8, 9, 11, 13, e 16). Estas áreas podem então ser interpretadas como áreas periféricas em relação a casas ou espaços comunais abertos, e o fato de que os cacos não são carregados por longas distâncias para descarte simplesmente indica uma "economia de esforços" (Hayden e Canon, op.cit).

Depósitos rituais são feições bastante comuns em sítios marajoaras e constituem uma fonte de informação importante sobre a localização de casas, filiação e existência de hierarquia. Kuijit (1996:316) considera que rituais funerários são importantes para a unidade familiar, porque reafirmam a existência de ligações entre seus membros: "Dentro de pequenos grupos sociais, relações entre indivíduo e grupo são negociadas, baseadas em reciprocidade real ou percebida, e são freqüentemente reafirmados através de troca de bens e participação recíproca em eventos familiares funerários, como os rituais funerários". A existência de rituais ao nível doméstico em sítios Marajoara, com tratamento diferenciado dos mortos (vasos enterrados escavados no perfil 1 eram menos elaborados do que os chamados feições 4, 6 e 15), atestam diferenciação social dentro da comunidade, e indicam a existência de hierarquia entre seus membros.

Dados de Roosevelt (1991) para os sítios Teso dos Bichos e Guajará (Fig. 01) mostraram que um grande número de sítios marajoara contém remanescentes de vasilhas decoradas e enterramentos juntamente com estruturas domésticas, o que demonstra uma não-separação entre sítios habitação e sítios cemitério, o contrário do que foi primeiramente assumido por Meggers e Evans (1957). No entanto, parecem haver diferenças entre sítios com relação à magnitude das atividades cerimoniais. A elite deve ter habitado os sítios mais altos, aos quais camadas de solo foram intencionalmente adicionadas e que mostram uma maior riqueza de objetos decorados e urnas funerárias maiores e mais elaboradas.

No sítio Casinha, por exemplo, não se encontram traços de construção intencional, apesar das evidências para atividades cerimoniais. Podemos concluir que enquanto as atividades cerimoniais estariam presentes na maioria dos sítios comuns, centros políticos e cerimoniais congregariam um número maior de pessoas, vindas mesmo de outros sítios, para participarem de cerimônias especiais.

Diferentemente do sítio Camutins, a cerâmica coletada no sítio Casinha (19.852 fragmentos) possui uma proporção muito grande de fragmentos com antiplástico de caraipé, aditivo este quase ausente dos tesos do alto curso do rio, onde o antiplástico utilizado é o caco moído. Assim como observado para o sítio Cacoal (1300 – 1600 d.C.) (Schan, 1999), posterior ao período marajoara clássico, o caraipé é utilizado mesmo nas vasilhas decoradas de estilo típico marajoara (como na vasilha da Fig. 06a), mas é mais presente nas vasilhas utilitárias, para processamento de alimentos, onde aparece também em combinação com o caco moído. Percebe-se, portanto, que o antiplástico era usado em função da utilidade da vasilha. A cerâmica decorada é predominante do estilo típico marajoara, com 12% dos fragmentos. Entre os estilos de tratamento

de superfície predomina o uso de engobo branco e vermelho, pintura policrômica e excisões, normalmente sobre uma superfície engobada de vermelho.

As datas radiocarbônicas nos permitem concluir que o sítio foi ocupado por aproximadamente 400 anos, entre 750 e 1150 d.C., o que coincide com a época clássica da fase marajoara.

Sítio PA-JO-51: Saparará

O sítio Saparará, situado à margem direita do rio Anajás, em frente à boca do igarapé Saparará, que deságua no rio Anajás em sua margem esquerda, já foi encontrado em estado adiantado de destruição, devido à existência de uma moradia e sanitário, além da criação de porcos. Sua elevação era de cerca de 1,20 metros com relação ao nível do rio em julho, mas nos informaram que a área alagava na época de maior incidência de chuvas. Quando o sítio foi identificado, os próprios moradores já haviam retirado urnas funerárias, e viam-se as bordas de outras sob os esteios da casa. A camada de solo vegetal já havia sido removida pela erosão e lixiviação; o solo exposto era compacto e argiloso. Devido a esta situação, procurou-se: (1) estudar padrões de enterramento através da escavação de uma urna funerária (nº 4) que estava parcialmente exposta; (2) estudar a distribuição dos enterramentos, mapeando as urnas encontradas por nós e aquelas já desenterradas por moradores; (3) estudar a distribuição de cerâmica através da realização de sondagens com trado manual.

As tradagens realizadas no sítio foram em parte prejudicadas pelas construções, lama e alagamentos. Verificou-se que a camada arqueológica que ainda restava em alguns lugares era de pequena profundidade, 20cm em média, e foram muito poucos os fragmentos encontrados. A única intervenção que foi possível foi uma escavação 1x1m, sem re-

sultados, e a escavação e mapeamento das urnas, que estavam em um solo argiloso e bastante endurecido (Fig.05).

Durante a escavação da urna 4 observou-se a ocorrência de duas camadas distintas. A camada II, horizonte B caracteriza-se por um latossolo amarelo, argiloso, estéril arqueologicamente, que havia sido escavado para o depósito da urna. Ao redor da urna identificou-se a existência de uma camada I, horizonte A, de coloração marrom escuro, que preenchia a cavidade em torno do enterramento. O perfil permitiu concluir que foi feito um buraco para o enterramento da urna, mas não permite perceber até que altura a vasilha foi enterrada, tendo em vista que a camada antropogênica superior já não existia. A cerâmica estava muito friável, devido à exposição a qual a peça foi sujeita, motivo pelo qual a peça fragmentou-se ao ser retirada. Esta urna era antropomorfa (do tipo Jonaes pintado, segundo Meggers e Evans, 1957). Um apêndice antropomorfo pouco comum (Fig.06d) adornava a urna na altura do pescoço, local onde geralmente existem figuras antropomorfas de corpo inteiro (Fig.06e).

As urnas escavadas no sítio Sapará eram globulares, duas delas antropomorfas. Apesar de não mostrarem vestígios de pintura, é possível que fossem engobadas de branco e pintadas, por comparação com artefatos semelhantes de outros sítios. Não foi possível fazer datação, mas estima-se que o sítio tenha sido ocupado no mesmo período que o sítio Casinha, entre 600 e 1200 d.C.

Outros sítios

Além da pesquisa nos sítios Casinha e Sapará foram feitas prospecções ao longo do rio Anajás, até 10km de distância dos sítios pesquisados, mas encontrou-se apenas mais um sítio, além de um grupo de tesos nas cabeceiras do igarapé Pequaquara (Fig.01). O sítio encontrado às margens do rio Anajás era

semelhante ao sítio Sapará, localizando-se cerca de 9km rio acima, em localidade chamada de Santa Cruz. Este sítio localiza-se em um pequeno teso de terra preta, com uma moradia sobre ele. Parte do terreno estava sofrendo um processo erosivo, principalmente próximo à casa, onde duas urnas funerárias afloravam na superfície, semelhantes às encontradas no sítio Sapará. A profundidade da terra preta em alguns lugares chegava a 40cm. Não foi feita coleta, pois os proprietários não permitiram.

A prospecção mostrou que a ocorrência de sítios na área não é provavelmente tão alta como esperávamos a princípio. Muitas das áreas altas, aparentemente propícias para a ocorrência de sítios não continham terra preta ou cerâmica. Quando ocorria cerâmica, esta era principalmente cabocla.

PA-JO-56: Aterros do Pequaquara

O igarapé do Pequaquara é um afluente da margem direita do rio Anajás. As águas do igarapé do Pequaquara são claras em comparação com as do rio Anajás, que são mais barrentas e amareladas. Havíamos sido informados da existência de aterros com cerâmica da cultura Marajoara nas cabeceiras do Pequaquara. Os informantes diziam que o sítio estava sendo explorado para a venda de cerâmica. As peças estavam sendo trocadas por utensílios domésticos modernos com os moradores locais, que ajudavam os comerciantes a escavarem. Durante a viagem pelo igarapé do Pequaquara encontramos alguns fragmentos de cerâmica em dois terrenos mais elevados, já bastante erodidos, que chamamos áreas de ocorrência arqueológica 1 e 2. Na área 2 havia uma casa, onde os moradores mantinham uma urna antropomorfa que era usada para armazenar água. Essa prática é bastante comum na região e os próprios moradores escavam à procura das urnas para este

fim. A urna estava já sem pintura, devido à escovação para limpeza. Explicamos à moradora sobre a importância da peça e a mesma foi, então, doada ao Museu Goeldi.

Chegamos aos aterros nas cabeceiras do igarapé cerca de 4 horas após termos deixado o rio Anajás, porque o igarapé estava muito obstruído por troncos e galhos de árvores. O sítio compõe-se de três aterros. O mais alto deles, com cerca de oito metros de altura foi chamado Aterro I, e mostra estratigrafia compatível com construção artificial. Havia muitos buracos devido à retirada de peças e no local foram encontradas pás e carrinhos de mão, e muitas peças fraturadas sobre a superfície, que provavelmente foram abandonadas por não estarem em boas condições para venda. Fizemos coleta superficial (Fig. 06e, f).

No lado oposto do rio havia outros dois tesos, mais baixos e menores, que foram chamados Aterros II e III. Sua altura média é de três a quatro metros e, apesar de serem resultado de deposição natural de sedimentos sobre o terreno, também continham enterramentos. Sobre o aterro III havia uma casa. Nesse, encontramos vários buracos como resultado das escavações e em um deles avistamos, a cerca de 2m de profundidade, uma urna parcialmente exposta que não havia sido retirada devido ao fato de estar sob uma grande quantidade de terra. Perguntamos à moradora que técnica usavam para identificar os locais onde haviam urnas e ela respondeu que furavam o solo com um facão comprido até encontrar resistência. Coletamos fragmentos de cerâmica na superfície, tanto próximo aos buracos como nas imediações da casa. A moradora igualmente nos presenteou com algumas pequenas peças.

Infelizmente não foi possível fazer um mapeamento do local, por falta de tempo. Como o local é de difícil acesso, uma pesquisa mais detalhada necessitará de

um bom planejamento. Só é possível acessar o local na época de cheia; a própria moradora não fica lá durante o verão, pois o igarapé fica parcialmente não navegável e não há água suficiente nem para as atividades domésticas. Mas mesmo durante a cheia, depende-se das marés e não há como chegar com embarcações grandes. Como a moradora vive sozinha com filhos pequenos, não há mão-de-obra suficiente para construir uma barragem e manter água durante o ano todo, como se fazia em tempos pré-coloniais.

Os artefatos coletados nos aterros do Pequaquara são bastante semelhantes estilisticamente aos encontrados no Camutins e no sítio Monte Carmelo, localizado no alto rio Anajás e investigado por Meggers e Evans (1957) e Roosevelt (1991), Bevan e Roosevelt (2003). As urnas funerárias são antropomorfas e policrômicas, havendo predominância das decorações pintadas e excisas. As decorações incisas são feitas sobre superfície engobada de vermelho ou sobre a superfície sem engobo. Por outro lado, as decorações incisas sobre engobo branco (tipos anajás inciso branco e pacoval inciso, segundo a tipologia de Meggers e Evans, 1957) são virtualmente ausentes destes sítios da bacia do rio Anajás, estando presentes muito freqüentemente em sítios localizados a leste do lago Arari, como o Pacoval (Fig.01).

Conclusões

A pesquisa mostrou que, apesar dos estilos cerâmicos serem semelhantes entre os sítios Camutins, Casinha e Saporará, havia diferenças importantes tanto no tipo dos artefatos como na sua distribuição espacial.

No sítio Casinha havia predominância da decoração excisa vermelha e distribuição de enterramentos agrupados em diversas partes do sítio, estando estes enterramentos provavelmente associados a casas. Na análise da cerâmica

percebeu-se a utilização do antiplástico de caraipé, que é raro nos sítios típicos da fase. Assim como no sítio tardio Cacoal (Schaan, 1999), o uso do caraipé tende a aumentar em direção ao final da fase marajoara e ser utilizado principalmente na confecção de vasilhas utilitárias. Não foram encontrados pisos preparados de argila queimada como os encontrados no Camutins. Da mesma maneira como no Camutins, no entanto, alguns dos enterramentos eram acompanhados por machados líticos, sendo as urnas depositadas em buracos, mantidas enterradas somente até a boca. Não se encontrou nenhum enterramento acompanhado por tanga, como se achou no Camutins, mas isso pode ser devido ao pequeno tamanho da amostra.

No sítio Saporará, apesar de seu adiantado estado de destruição, percebeu-se que havia urnas agrupadas, mas também algumas que se encontravam a certa distância, seguindo a linha do rio. Dentro de uma das urnas encontrou-se um fragmento de uma vasilha pequena, de bojo arredondado e de pescoço curto, de tipo comumente encontrado associado a enterramentos no Camutins. Uma vasilha semelhante foi encontrada próxima a um enterramento no sítio Casinha (sobre F8, fig.04). No sítio Saporará as urnas eram ou antropomorfas ou semiglobulares, e algumas teriam sido pintadas. Tanto no estilo quanto no padrão de enterramentos, portanto, diferiam um pouco do padrão encontrado no Casinha. Ambos os estilos, no entanto, estão presentes no Camutins.

Ambos os sítios, Casinha e Saporará não são tesos artificiais como o Camutins e não estão associados a reservatórios ou outras modificações da paisagem.

Dois outros grupos de tesos (sítios Monte Carmelo⁶ e Pequaquara, cada um com 3 tesos) localizados, respectivamente, às cabeceiras do rio Anajás e Igarapé do Pequaquara, apresentam cerâmica cerimonial similar a dos Camutins, o que indica possíveis ligações com aquele assentamento. No entanto, a necessidade nestas áreas também de manejo de recursos hídricos, dada a situação de seca existente na época sem chuvas, sugere que estes dois sítios eram economicamente (e provavelmente administrativamente) independentes. O estilo cerâmico, neste caso, pode ter sido usado para identificar e legitimar o "poder de uma aristocracia" (Earle, 1990: 76), apesar da distância espacial entre seus membros. É provável que alguns sub-estilos dentro do estilo Marajoara estivessem relacionados a determinados grupos sociais (de parentesco), que por sua vez estavam circunscritos a áreas determinadas. As diferenças encontradas entre os sítios Saporará e Casinha e entre esses e os grupos de tesos do alto curso do rio sem que esteja clara a existência de uma dependência econômica e mesmo administrativa entre estes assentamentos, sugerem que a "cultura Marajoara" foi levada a diversas partes da ilha por segmentos sociais que inicialmente podem ter pertencido a áreas nucleares de cacicados, mas que depois foram colonizar outras terras devido à explosão populacional que se seguiu à implantação dos sistemas de manejo hidráulico, devido à grande oferta de alimento. Longe das áreas nucleares, estes segmentos desenvolveram uma maior variabilidade em termos de padrões de ocupação do espaço e produção e uso da cultura material.

A identificação das modificações antropogênicas da paisagem, nesse senti-

⁶ O sítio Monte Carmelo foi escavado por Meggers & Evans (1957) e Bevan & Roosevelt (2003).

do, foi fundamental para a identificação dos limites entre os sítios. A identificação de práticas diversas de ocupação do espaço intra-sítio foi também fundamental para que se percebesse a variabilidade existente entre os sítios. A percepção das diferenças estilísticas também contribuiu para entender melhor as relações entre essas diversas ocupações. Mas foi somente a combinação de todos estes indícios que permitiram entender o tipo de organização social que caracterizou as populações que viveram ao longo do rio Anajás entre os anos 400 e 1600 d.C. Nada disso teria sido possível se o estudo estivesse centrado somente no estudo da cerâmica, como é comum na arqueologia amazônica.

Agradecimentos

Não poderíamos listar aqui todas as pessoas e instituições que colaboraram de uma forma ou outra para a realização dessa pesquisa. Nessa impossibilidade, gostaríamos de deixar registrados nossos agradecimentos ao Museu Paraense Emílio Goeldi e às agências financiadoras de bolsas e projetos de pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Heinz Endowment Fund, Earthwatch Institute, National Science Foundation e Administração das Hidrovias da Amazônia Oriental-AHIMOR. Agradecemos a Raimundo Jorge Mardock e Ana Paula Ferreira de Oliveira pelos desenhos de peças cerâmicas que ilustram este artigo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, J. A. & LOURENÇO, J. S. 1981. Métodos geofísicos aplicados à arqueologia no Estado do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Geologia* 26:1-52.
- BEVAN, B. W. & ROOSEVELT, A. C. 2003. Geophysical exploration of Guajará, a prehistoric earth mound in Brazil. *Geoarchaeology: an International Journal* 18(3):287-331.
- CARNEIRO, R. L. 1981. The chiefdom: precursor of the state. In: Jones, G. & Kautz, R. (Org.). 1981. *The transition to statehood in the New World*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 37-79.
- CLARK, C.D.; GARROD, S. M. & PEARSON, M.P. 1998. Landscape archaeology and remote sensing in Southern Madagascar. *International Journal of Remote Sensing* 19(8):1461-1477.
- CRUMLEY, C.L. & MARQUARDT, W.H. 1990. Landscape: a unifying concept in regional analysis. In: ALLEN, K. M.; GREEN, S. W. & ZUBROW, E.B. (Org.) 1990. *Interpreting space: GIS and archaeology*. London, Taylor and Francis, pp. 73-79.
- DEBOER, W.R. & LATHRAP, D.W. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. In: KRAMER, C. (Org.) 1979. *Ethnoarchaeology: the implications of ethnology for archaeology*. New York, Columbia University Press, pp. 102-138.
- DERBY, O. 1879. The artificial mounds of the island of Marajo. *American Naturalist* 13:224-229.
- DUNNELL, R.C. 1992. The Notion Site. In: ROSSIGNOL, J. & WANDSNIDER, L. (Org.). 1992. *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York, Plenum Press, pp. 21-42.
- EARLE, T. 1997. *How chiefs come to power: the political economy in prehistory*. Stanford, Stanford University Press.
- EIDT, R. C. 1985. Theoretical and practical considerations in the analysis of anthrosols. (Org.). 1985. *Archaeological geology*. New Haven and London, Yale University Press, pp.
- FARABEE, W. C. 1921. Explorations at the Mouth of the Amazon. *Museum Journal* 12:142-161.
- FLANNERY, K. 1972. The cultural evolution of civilizations. *Review of Ecology and Systematics* 3:399-426.
- FURTADO, L.; LIMA, M.N.; ALBUQUERQUE, M.G. & CASTRO, A.F. 2002. *Repertório Documental para a Memória da Pesca Amazônica. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

- GALLO, G. 1981. *Marajó: a ditadura da água*. Belém, O Nosso Museu.
- HARTT, C. F. 1871. The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil. *American Naturalist* 5(5):259-271.
- HAYDEN, B., & CANON, A. 1982. The corporate group as an archaeological unit. *Journal of Anthropological Archaeology* 1:132-158.
- HILBERT, P. P. 1952. Contribuição à arqueologia da Ilha de Marajó. Os tesos Marajoaras do alto Camutins e a atual situação da Ilha do Pacoval, no Arari. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* 5:5-32.
- JONHSON, G.A. 1972. A Test of the utility of Central Place Theory in Archaeology. In: Ucko, P. J., TRINGHAM, R. & DIMBLEBY, G.W. (Org.). 1972. *Man, Settlement and Urbanism*. London, Duckworth.
- KERN, D. C. 1996. Geoquímica e pedogeoquímica em sítios arqueológicos com terra preta na Floresta Nacional de Caxiuanã (Portel/PA). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará.
- KUIJT, I. 1996. Negotiating equality through ritual: a consideration of late Natufian and prepottery neolithic A period mortuary practices. *Journal of Anthropological Archaeology* 15:313-336.
- MCANANY, P. A. 1995. *Living with the Ancestors: Kinship and Kingship in Ancient Maya Society*. Austin, University of Texas Press.
- MEGGERS, B. J. & EVANS, C. 1957. *Archeological investigations at the mouth of the Amazon*. Vol. Bulletin 167. Washington, D.C., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, U.S. Govt. Print. Off.
- OEA. 1974. *Marajó. Um Estudo para seu Desenvolvimento*. Washington DC, Organização dos Estados Americanos.
- PALMATARY, H. C. 1950. The pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society* 39(3).
- ROOSEVELT, A. C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego, Academic Press.
- ROTH, W. E. 1929. *Additional studies of the arts, crafts, and customs of the Guiana Indians with special reference to those of Southern British Guiana*. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology Bulletin. 91. Washington, U.S. Govt. Print. Off.
- ROUSE, I. 1972. Settlements patterns in archaeology. In: Ucko, P. J.; TRINGHAM, R. & DIMBLEBY, G.W. (Org.). 1972. *Man, settlement and urbanism*. London, Duckworth.
- SAHLINS, M. D. 1958. *Social stratification in Polynesia*. Monographs of the American Ethnological Society; 29. Seattle, University of Washington Press.
- SCHAAN, D. P. 1999. Evidências para a permanência da Cultura Marajoara à época do contato europeu. *Revista de Arqueologia* 12/13:23-42.
- 2001. *Programa de salvamento arqueológico nas áreas de retificação dos rios Atuí e Anajás, Ilha de Marajó. Relatório Final*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Inédito.
- 2003. Lost civilizations of the Amazon, Field Report. *Earthwatch Institute Final Report*.
- SCHIFFER, M. B. 1975. Behavioral chain analysis: activities, organization, and the use of space. *Fieldiana Anthropology* 65:103-119.
- 1987. *Formation processes of the archaeological record*, 1st edition. Albuquerque, NM, University of New Mexico Press.
- SIOLI, H. 1984. *The Amazon: Limnology and Landscape Ecology of a Mighty Tropical River and its Basin*. Monographiae biologicae 56. Dordrecht; Boston, W. Junk; Kluwer Academic Publishers.
- SMITH, N. 2002. *Amazon Sweet Sea: Land, Life, and Water at the River's Mouth*, 1st edition. Austin, University of Texas Press.
- SOMBROEK, W.G. 1966. *Amazon Soils. A Reconnaissance of the Soils of the Brazilian Amazon Region*. Wageningen, Centre for Agricultural Publication and Documentation.
- TRIGGER, B. 1967. Settlement archaeology: its goals and promise. *American Antiquity*, 32:149-60.
- TRINGHAM, R. 1972. Introduction. In: UCKO, P. J.; TRINGHAM, R. & DIMBLEBY, G.W. (Org.) 1972. *Man, Settlement, and Urbanism*. London, Duckworth, pp. XIX-XXVIII.
- WILLEY, G.R. 1953. Prehistoric settlement patterns in the Viru Valley, Peru. *Bur. Am. Ethnol. Bull.* 155.
- 1956. Prehistoric settlement patterns in the New World. *Viking Fund. Publ. Anthropol.* 23.

O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó

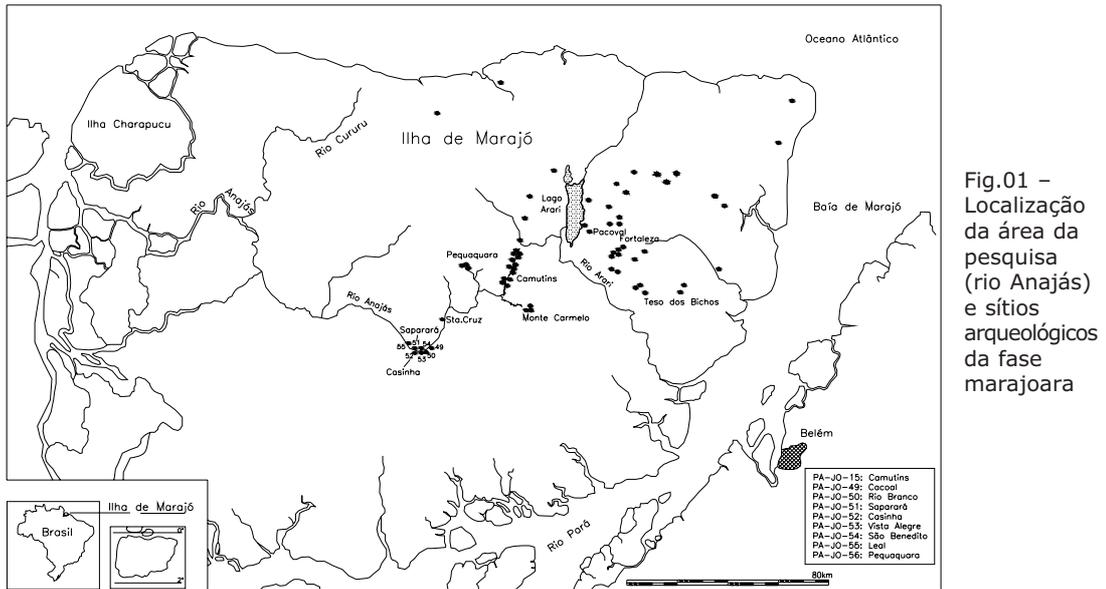
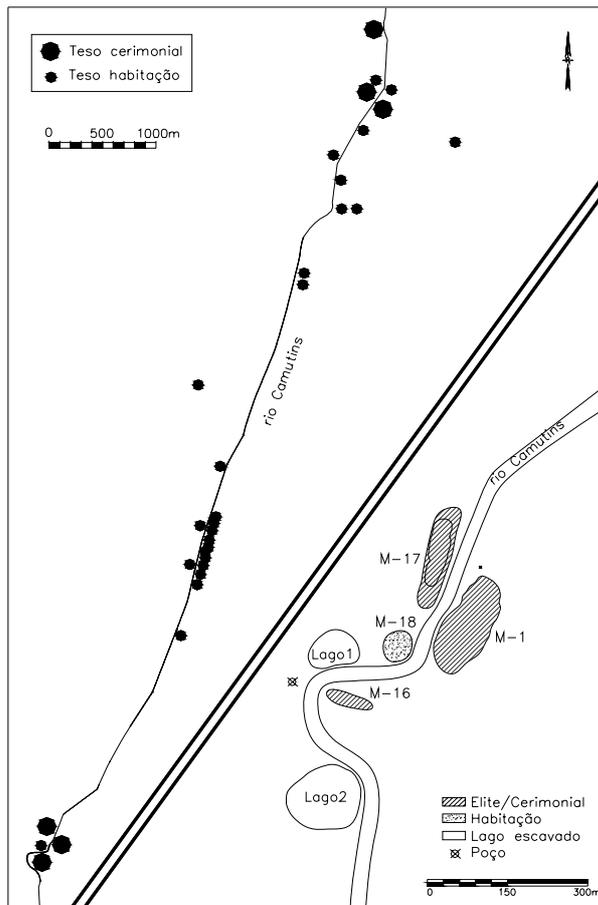


Fig.01 – Localização da área da pesquisa (rio Anajás) e sítios arqueológicos da fase marajoara

Fig.02 – Distribuição tipológica dos tesos ao longo do igarapé dos Camutins/ vista ampliada dos tesos do curso inferior do igarapé



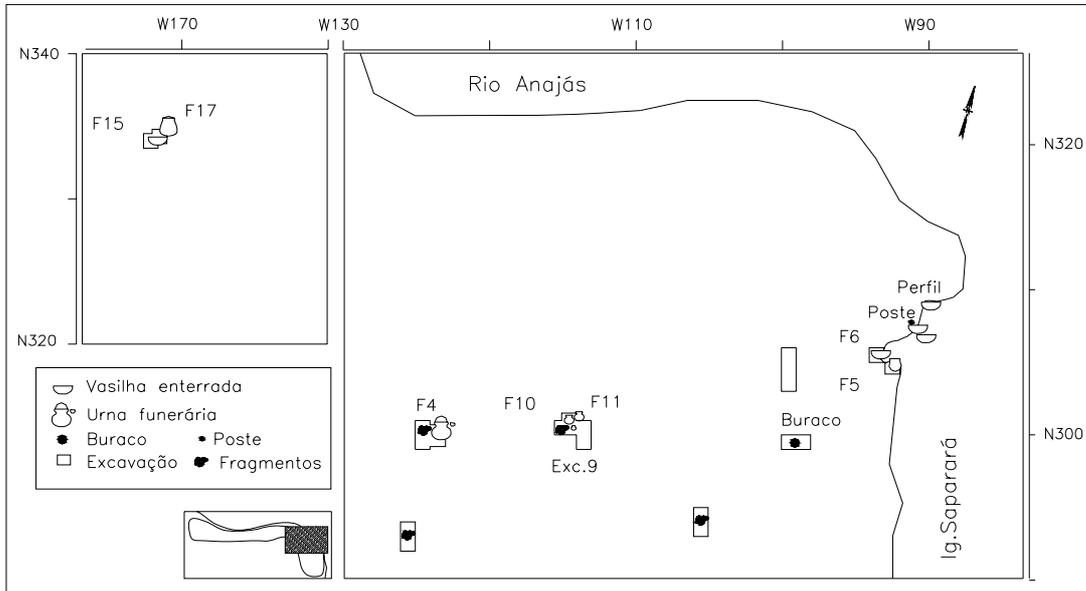


Fig.03 – Sítio Casinha, distribuição espacial de feições culturais

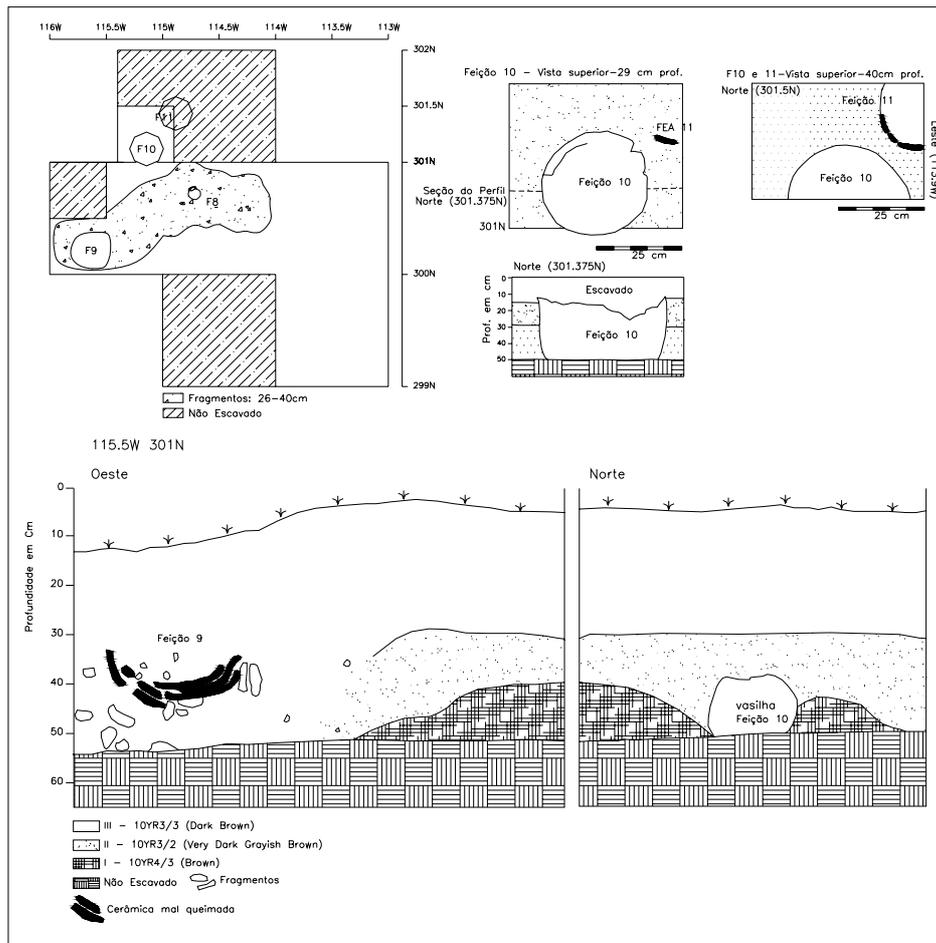


Fig.04 – Sítio Casinha, escavação 9, área doméstica

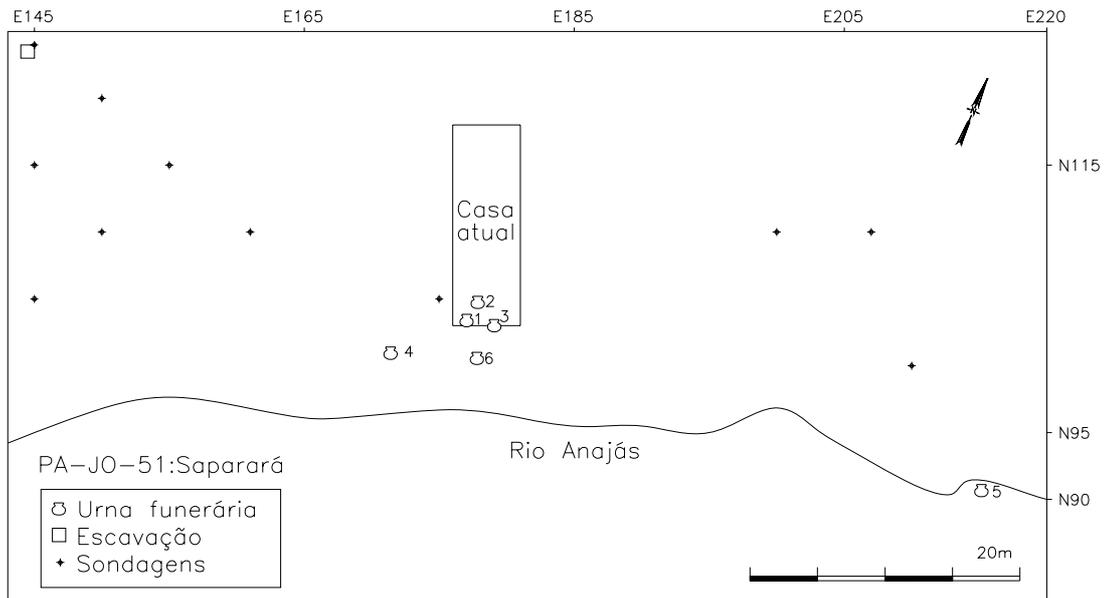


Fig.05 – Sítio Saporará: localização das intervenções arqueológicas e feições culturais

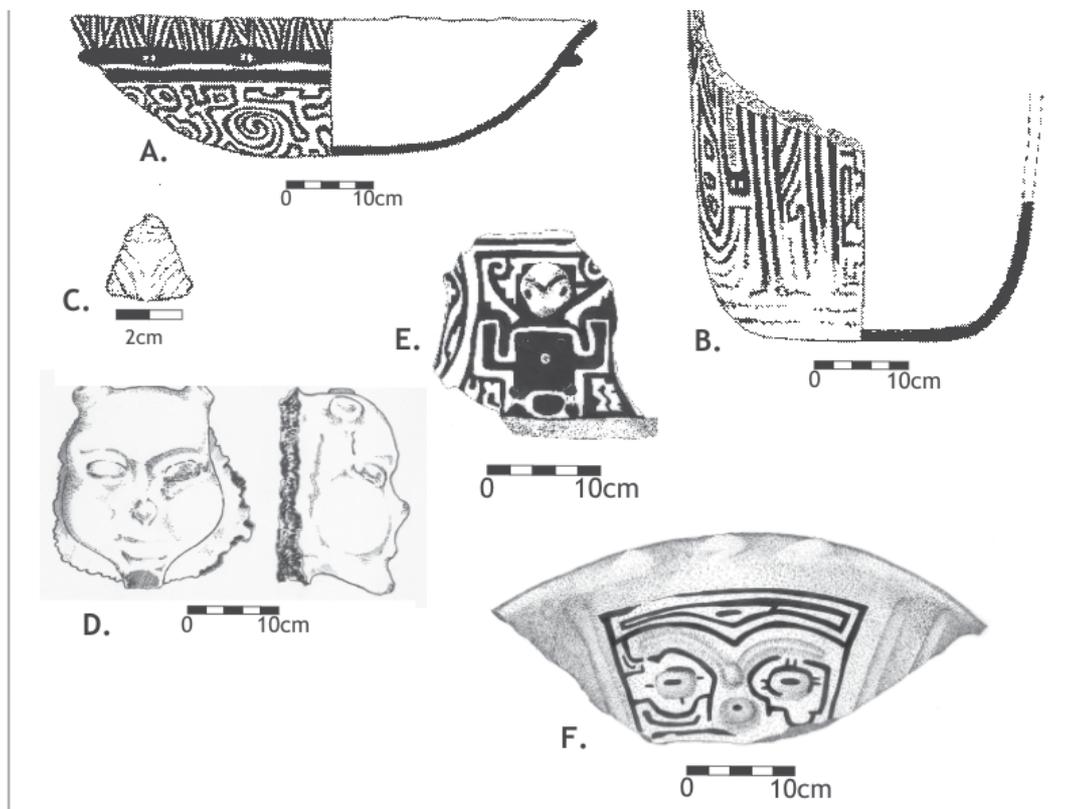


Fig.06 – (a) tigela acompanhando urna 4; (b) vaso acompanhando urna 5; (c) "muraquitã" de cerâmica; (d) apêndice urna 4, Saporará; (e) apêndice de urna, Pequaquara; (f) fragmento vaso Pequaquara. Desenhos de Ana Paula Ferreira Oliveira (a,b,c,d) e Raimundo Jorge Mardock (e,f)

Quadro 1 – Feições culturais e estruturas encontradas

Esc. n.º	Feições	Outros Artefatos	Área
Perfil 1	F1- Vaso enterrado, 60cm diâmetro de bojo F2 - Vaso enterrado F3- Buraco de poste/recente		
1	F4 - urna com tampa, topo a 40cm, pequeno vaso associado	Lítico, frag. cerâmica	1.5 m ²
2	F5 - Urna sem tampa, associada a pequeno vaso.	Machado de basalto	1 m ²
3		Fragmentos de cerâmica	1 m ²
4	F6 - Urna funerária sem tampa	Machado de basalto	1,75 m ²
5	F7 - Concentração de fragmentos cerâmicos grandes entre 20-30cm		1 m ²
6	30-40cm perturbação da estratigrafia; 45-50cm bolas de argila queimada	Frag. de artefato lítico (20-30cm)	1 m ²
7	Bolas de argila queimada entre 20-50cm, buraco, perturbação da estratigrafia	Conta lítica 30-40cm	2 m ²
8	Concentração de fragmentos a 40-47cm, perturbações, bolas de argila queimada		2 m ²
9	F8 - Espessa camada de cacos cerâmicos (nível: 37cm). F9 - Perfil de vasos queimados e superpostos a 40cm de prof. Camada de carvão dos 26 aos 40cm; restos de adobe entre 30-40cm; F10 - Vasilha enterrada F11 - Vasilha enterrada		3 m ²
10	Buraco contendo solo húmico e fragmentos de cerâmica, diam 45cm, profundidade 30cm		2 m ²
Perfil 2	F12 - buraco de poste com 20cm de diâmetro, iniciando a cerca de 1m profundidade		2x1.5 m ²
11	F14 - Grande concentração de fragmentos de cerâmica e argila queimada a 30-40cm de profundidade		2 m ²
12	F15 - 2 Urnas funerárias, uma foi escavada	Pingente de cerâmica	1,48 m ²
13	F13- Concentração de fragmentos de cerâmica a 30cm de prof. F16 - Concentração de fragmentos de cerâmica a 60cm, alguns pertencentes a urnas funerárias.		2 m ²